



Exposições e sua Memória Gráfica - Coleção e produção no Espaço Museu das Aldeias e na Sala do Artista Popular no Rio de Janeiro

Exhibitions and its Graphics Memory Collection and production in Area Village's Museum and Room People's Artist in Rio de Janeiro

Simone Melo; Edna Cunha Lima

design de exposições; memória gráfica de exposições; impressos de exposições.

Este trabalho se propõe a relacionar exposições, sua experiência, seu aprendizado e sua vivência com seus subprodutos gráficos e visuais, revelados em fotos, iconografias, desenhos, convites, meios digitais e livretos. A produção iconográfica de uma exposição perpetua seus propósitos e solidifica seus conteúdos, documentando e qualificando esta memória em diversos suportes físicos, mas também os relacionando com aspectos culturais, materiais e sociais que agregam coletividade aos rastros da passagem do público por determinado evento expositivo. Serão analisados produtos gráficos gerados por algumas mostras na Sala do Artista Popular e no Espaço Museu das Aldeias que exemplificam a sistemática adotada por duas instituições de pesquisa, divulgação e memória etnográfica no Rio de Janeiro sob a ótica da construção da memória gráfica e a contribuição do design nesse contexto.

exhibition design; exhibition graphics memory; exhibition printed

This paper aims to relate exhibitions, your experience, your learning and their experience with their graphics and visual products, revealed in photos, iconography, drawings, invitations, digital media and booklets. The iconographic production of an exhibition perpetuates its purpose and solidifies its contents, documenting and describing this memory in various physical media, but also related with cultural, material and social community that add to trace the passage of public exhibition for a certain event. Will be analyzed graphic products generated by some shows in the Room People's Artist and in the Area Village's Museum exemplifying the system adopted by two research institutions, dissemination and ethnographic memory in Rio de Janeiro from the perspective of construction graphics memory and the design of the contribution in this context.

1 A memória gráfica nas exposições

Há mais de um século as exposições acontecem em ciclos repetidos na sociedade e vem relacionando fatos, objetos, pessoas e seus modos de ser, de pensar e de fazer. Por si estas relações motivam uma cadeia de reações e produzem informações que se consolidam em geração de memória social e identidade cultural.

Os acontecimentos efêmeros são registrados para reconhecimentos posteriores e nos conduzem a hipótese de haver uma cultura impressa e uma cultura material, gerada na

confeção de uma exposição, que é reproduzida e identificada nesses eventos e nos conduzem nesse ensaio a promover a reflexão sobre a produção da memória gráfica na coleção de temas e objetos desenvolvidos e evidenciados em todas as fases de uma exposição - no argumento, no desenho, na execução e na vivência - envolvendo promotores, curadores, projetistas, visitantes e usuários.

Eventos expositivos acontecem de forma cíclica e progressiva com mais evidência a partir da difusão das exposições universais iniciadas no século XIX, com ênfase para a primeira Grande Exposição de 1851, realizada na Inglaterra, que foi um marco pela magnitude¹ e difusão científica consolidando memórias coletivas, culturais e sociais, observadas por diversos grupos de pesquisas de história e identidade social desde então, inclusive valorizadas pela sociedade industrial e de consumo. Esse evento foi propulsor no campo das exposições e na cultura de impressão produzida e consumida em efemeridades dessa natureza.

No espaço de exposição as memórias vividas por cada um de nós necessitam de estímulos externos e tanto a produção de seus conteúdos iconográficos (marcas, convites, desenhos, painéis, livretos) quanto os estímulos sensoriais (em todos os sentidos da experiência expositiva) podem ser fios condutores e meios potencializadores da manutenção da memória viva deste evento.

A busca em registrar a memória sob o ponto de vista social pode ser entendida como um esforço de recuperação do passado pela memória individual ou coletiva. Uma exposição é um evento histórico demarcado no tempo mas sua memória é uma recuperação do acontecimento que pode ser despertado através da produção cultural impressa que foi promovida em suas mais variadas facetas gráficas (subprodutos como convite, folder, periódicos).

Os suportes gráficos serão destacados como elos da lembrança do evento e estão em partes como:

1. desenhos, em planta baixa, que geram significado tipológico ao espaço bidimensionalmente representado (que é o meio de representação do mesmo para equipe de trabalho e para público que o visita chamado mapa visual);
2. convites que promovem o evento e demarca-o no tempo-espaço;
3. painéis e galhardetes de conteúdo textual e imagético que conceituam e ilustram os conteúdos informacionais;
4. suportes virtuais e eletrônicos dentro do roteiro do evento ou em local externo para promoção;
5. filipetas, postais e cartazes que são associados a campanha para divulgação em outros meios
6. livretos ou catálogos que, geralmente, aprimoram os outros itens absorvendo a identidade visual exposta no determinado evento e prolongando a memória transcorrida na efemeridade.

As iconografias e as escritas destes eventos consolidam visualmente a vivência dos mesmos, perpetuando-os na nossa lembrança através dos mais diversos estímulos que resultam em formatos e suportes de memória gráfica. Precisamos recorrer a alguns conceitos prévios que localizam a memória dentro do fenômeno de construção, valorização e efemeridade de uma exposição. A memória é base para a história, pois onde existe uma história, há muitas memórias. Para Halbwachs(1990): “a memória é um fenômeno coletivo e social submetido a flutuações, transformações e mudanças constantes, mas com pontos imutáveis, que impossibilitam alterações na história coletiva”.

¹ Foi construído um Palacio de Cristal na exposição universal de 1851, montada e desmontada para o evento, isto por si já categoriza uma memória e uma arquitetura efêmera de grande magnitude

Ao longo da história, em função dos mais diferentes processos de interferência, intercâmbio e troca cultural, fomos incorporando elementos e materiais nas práticas das exposições. Estas continuam acontecendo como manifestação coletiva, artística e projetual, hoje mais desenvolvidas por curadores, arquitetos e designers.

Nora (1993) nos diz que “a história é o resgate do passado de modo incompleto e problemático daquilo que não existe mais, que demanda análise crítica, enquanto a memória é fenômeno atual, age no que foi vivido e eterniza o presente”.

2 Novos Sobre ambientes efêmeros

Aqui nosso lugar da memória é o espaço de exposição

Ressalta-se aqui o espaço de uma exposição como um meio físico que nos proporciona vivenciar um sentimento, uma lembrança. E o espaço é a condição *sine qua non* da memória e um referencial na história.

Sabemos que numa sociedade a cultura material se insere na relação com o ambiente e com aspectos das tecnologias vigentes. As exposições procuram representar simbolicamente o fenômeno ou a coleção exibida. A cultura impressa relaciona a confecção e a exibição de uma coleção expositiva.

As exposições são produtos criados para acontecerem num espaço variado de tempo, seja curto, médio ou de longo prazo, seja ela uma mostra de pequeno ou grande porte, seja itinerante ou fixa, seja permanente ou de curta duração; ela é sempre efêmera quando relacionada ao experiencial e informacional que é inerente a sua forma de existir dentro das produções sócio-culturais. Podem ter durabilidade fulgurante, de poucos dias ou mesmo se apresentam num evento diário vinculado a uma data comemorativa. Também variam pela situação física do espaço onde se apresentam. Outras se movem de um local para outro, ganhando variantes em suas apresentações, são as ditas itinerantes.

As variantes de tipologias de exposições ressaltam o seu valor enquanto atividade efêmera, transitória, mutante e nos remetem a diversidade na quantificação e qualificação de sua memória visual. Com exceção de exposições classificadas como permanentes, que na maioria dos casos deveriam ser referenciadas como exposições de longa duração pois mudam sim, transgridem porém são feitas em ciclos mais longos. Como não são permanentes, são também efêmeras.

O projeto gráfico incorporado no design de exposição pode ser identificado como parte estimulante que relaciona memória, história e cultura nas produções impressas e visuais dos produtos expositivos, com promoção da cultura e identidade brasileiras. Apresentamos alguns caminhos na tentativa de localizar a produção gráfica de exposição na linha de pesquisa da Memória Gráfica Brasileira- MGB que segundo Farias² “registra a memória gráfica e o valor de artefatos visuais, procurando dar sentido de identidade através do design gráfico”.

² FARIAS, Priscila L. 2014. On graphic memory as a strategy for design history. In: BARBOSA, Helena & Calvera, Anna (Eds.) *Tradition, transition, trajectories: major or minor influences?* [=Proceedings of the 9th International Committee for Design History and Design Studies]. Aveiro: UA Editora.

3 Sobre impressos efêmeros

Aqui o lugar da memória é a coleção gráfica de uma exposição

Destacamos neste estudo as formas escritas, grafadas e impressas para um evento expositivo. Segundo Twyman³ (2008) estamos apenas no início para que as efemeridades sejam levadas a sério sob todos os pontos de vistas de pesquisas históricas. Neste estudo esboçamos vínculos pautados na definição do efêmero na cultura de impressão através das percepções e especializações do autor. As exposições estão vinculadas a um conjunto de subprodutos impressos que são desenvolvidos para identificar e prolongar visualmente esta produção, além de eternizá-los através da memória impressa.

A partir das fases de elaboração e da realização da exposição conseguimos indentificar algumas recorrências na criação e produção do design de impressos como elementos de pesquisa deste *corpus* gráfico, que são:

1. no projeto: desenhos; rascunhos; plantas técnicas (vistas e cortes diferentes); memória descritiva do ambiente; ilustração;
2. no produto de exposição e seus recursos gráficos em 2 variantes impressas:
 - 2.1 na própria exposição: marca; sinalização; painéis; legendas; etiquetas; placas
 - 2.2 em avulsos relativos a sua divulgação: convite; folder; filipeta; livreto; catálogo; banner;
3. nos subprodutos impressos: brinde; postal (isolados ou em coleção de cartões);
4. nos catálogos; (inclusive dos alguns gerposterior a exposição com fotos da exposição incluída)
5. em camisetas e vestuário como uniformes de equipe e de promotores;
6. em embalagens de mídias ou de brindes;
7. nos subprodutos virtuais: sítio eletrônico (homepage); audio guia; aplicativos em interfaces digitais; multimídia(cd-roam ou dvd-roam).

O material de estudo desse *corpus* expositivo tem riquezas particulares que compõem um universo próprio de observação e pesquisa. Identificamos caminhos pertinentes e adaptáveis na pesquisa na área do design de exposições através de um panorama voltado para sua memória gráfica. Ressaltando os propósitos retirados das bases propostas pela MGB temos:

- investigar a história do design de exposição e nos seus produtos impressos;
- marcar a memória e identidade do eventos nos centros culturais, parques, museus onde eles se apresentam;
- estudar as “coincidências e dissonâncias” entre manifestações gráficas similares entre exposições de tipologias distintas sendo mostras de arte, de venda ou etnográfica;
- ver a relação afetiva do indivíduo com o meio gráfico e pincipalmente o expográfico apresentado;
- aprimorar metodologias de pesquisa para o estudo das expressões gráficas no meio expositivo;
- buscar resultados e parâmetros para a avaliação e preservação destas manifestações gráficas enquanto parte de nosso patrimônio cultural.

³ TWYMAN, Michael; The Long-Term Significance of Printed Ephemera;- RBM: A Journal of Rare Books, Manuscripts and Cultural Heritage;2008 –<http://rbm.acrl.org/content/9/1/19.short>

O argumento de memória gráfica nas exposições e suas influências teóricas, metodológicas e artísticas focado nas várias expressões da história da exposição será evidenciado, especificamente, em dois espaços de museus de etnografia e arte do homem, no Rio de Janeiro.

4 Contextualização, os casos e suas coleções

A visita de uma exposição e a sua produção gráfica podem ser a eternização do presente estimulados pela memória coletiva do fato histórico que passou mas que ressurge em nossa memória. Pollack (1992) entende que a memória não é algo passado e é fenômeno que traz em si o sentimento de continuidade e torna-se fator principal para o entendimento de sentimento de identidade. Por identidade compreendemos a base e o essencial presente em todos os seres humanos, aquilo que pode causar diferenciação entre si e unicidade pra cada um.

Objetos de vários tipos são apropriados e visualmente dispostos em museus e em instituições culturais com a função de representar determinadas categorias culturais: os primitivos, o passado da humanidade, o passado nacional, etc. Os chamados patrimônios culturais podem ser interpretados como coleções de objetos móveis e imóveis. Através dos quais é definida a identidade de pessoas e de coletividade como a nação, o grupo étnico etc. Gonçalves (1988, p.266)

A memória surge como garantia e reforço de nossa identidade, e por consequência a identidade de uma sociedade também. Os produtos de uma mostra expositiva agregam valor a identidade social através da valorização da sua produção impressa e visual, por isso dedicamos atenção a categorização dos subprodutos gráficos gerados nos eventos, transitórios e efêmeros, principalmente nos aqui destacados que são provenientes de salas expositivas em museus e centros culturais.

A ênfase e análise gráfica é na produção de impressos gerados nas fases de promoção e de divulgação. Está pautada em exemplos selecionados de uma coletânea de convites e de livretos(períodicos) de duas instituições etnográficas do Rio de Janeiro. Recorre também a percepção de signos gráficos que são decorrentes da identidade cultural e visual concebida pelas equipes de idealização e de desenvolvimento, localizando elementos e reforços sigmáticos para a valorização da permanência do evento em nossas mentes.

Sob a ótica da memória constituída na cultura de impressão dos efêmeros iremos percorrer sobre exemplares de convites e catálogos promovidos pelas exposições. A primeira coleção focada em projetos da Sala do Artista Popular no Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular e a seguinte em 04 módulos expositivos do Programa Índio no Museu no Espaço Museu das Aldeias no Museu do Índio.

Os exemplos foram identificados através de pesquisa imagética reconhecida nas visitas aos respectivos acervos assim como na percepção dos modelos e sistemas dos projetos gráficos comparados visualmente que foram disponibilizados pelos serviços de arquivos e bibliotecas destes dois museus, em bancos de dados digitais e em acervos físicos(os mais antigos).

5 As coleções documentadas e visitadas

Dentro das coleções visitadas o recorte de análise dos impressos é para efêmeros gerados na categoria de convites e de catálogos, por vezes sendo necessário se ampliar o foco e identificar outras peças gráficas existentes no projeto gráfico para confirmação da linha projetual e para verificação da contribuição para memória gráfica do evento.

No processo de pesquisa foram avaliadas as bases de dados e as galerias de imagens nos portais eletrônicos das instituições assim como na produção de impressos guardados nos

setores de pesquisa e nas bibliotecas visitadas. Foram recolhidos amostragens de impressos de pelo menos quatro eventos de cada “lugar da memória” de exposição.

Os resultados deste mapeamento geraram uma coleção de registros fotográficos e a identificação de padrão do sistema gráfico adotado por algumas exposições na Sala do Artista Popular e no Espaço Museu das Aldeias nas categorias escolhidas aqui como objetos de observação.

Para maior qualificação e análise comparativa dos produtos impressos, tomando como referência dados da memória coletiva dos eventos, geramos uma galeria de imagens e uma tabela com destaques iconográficos e estruturais usado pelos promotores e designers dos eventos em questão, que exemplificam a sistemática visual adotada pelas duas instituições etnográficas voltadas a promoção e divulgação de culturas.

No momento de identificação dos exemplares o conteúdo material não foi prioridade, mas sim os modelos gráficos adotados e recorrentes na concepção e execução do sistema de projeto gráfico.

Os Casos: Interfaces e comparações da produção no Espaço Museu das Aldeias e na Sala do Artista Popular

A coletânea gráfica das duas coleções analisados nos mostram uma linha de projeto, de coordenação e de design favorável ao registro do evento no tempo e no espaço institucional, relacionando recursos visuais e arquivísticos e por conseguinte favorecendo a pesquisa e identificação da memória gráfica e do reconhecimento dos efêmeros relacionados a respectiva exposição.

Algumas relevâncias que satisfazem a pesquisa de design e da memória gráfica com o olhar voltado para priorização da cultura e identidade brasileira foram destacadas nas duas coleções apresentadas a seguir.

No Projeto “Índio no Museu”, que acontece no Espaço Museu das Aldeias, a exibição de aspectos da etnografia e diversidade do povo é o destaque. Percebe-se um investimento em design de ambientes para valorização do projeto expográfico como reforço sensorial, interativo e informativo da mostra. Também atenção ao design gráfico, onde cada exposição tem desenhada uma marca associada a grafia da etnia para uso vinculado nos diversos impressos gerando integração na visualidade dos efêmeros criados sendo a produção completa: convites, filipetas, folder etnográficos, folder de imprensa(press-release), livreto de venda e catálogo. Uma apresentação cultural acontece na inauguração com intuito de transportar o público a uma aldeia indígena, seja uma dança, um canto, um rito ou atividade de pintura corporal. O evento se faz eternizar na lembrança e na experiência, agrega sentimento de presença à memória do evento também atribuído às peças impressas que podem ser colecionadas ou não pelo público que está no evento ou em outras instâncias de visita que buscam essa memória. Geralmente as imagens principais dos impressos retratam um momento de um rito indígena ou aspecto cultural.

Na Sala do Artista Popular a exposição de cultura material e do seu artista ou coletivo de artistas são o destaque tanto no ambiente quanto nas peças gráficas. O público vivencia a seleção de peças agrupadas na mostra e conhece seu processo de manufatura e produção. Na inauguração convive com os artistas como numa galeria de arte. e participa da reserva de peças com a prioridade da reserva, a coleção fica a venda durante o período de exposição. A presença de público gera uma valorização para o artista, categorizando-os como produtores de arte e insere tanto o artista quanto o visitante na cadeia do fomento da produção artística popular. Este envolvimento entre público e artista favorece positivamente a memória coletiva e social do evento que será associada aos impressos, absorvidos em paralelo com a experiência da exposição. Os postais são peças gráficas preferidos para lembrança particular, guardados como fotografias de um objeto preferido de uma cultura material. Geralmente as imagens dos

impressos recorrem a objetos da coleção ou a macrovisão da matéria prima do objeto dessa arte (por exemplo: tramas de cestaria ou detalhes das argilas da olaria).

Tanto nos eventos do Museu do Índio quanto no Centro de Folclore e Cultura Popular percebe-se uma determinante projetual voltada para um sistema de repetição oriundo no projeto gráfico que contribui na identificação regular das peças gráficas e da memória do evento expositivo. Existe a tendência de conceber os impressos como uma série periódica. É relevante ressaltar que suas produções são em períodos irregulares pois dependem de planos gestores de instituições públicas com seus limites financeiros e gerenciais.

Na coleção de catálogos da Sala do Artista Popular-CNFCP os efêmeros se agrupam e acabam por adotar um comportamento de periódico, muito regular, já em sequência de produção por 30 anos. Os exemplares se esgotam e não são re-impressos pois estão vinculados a projetos e recursos financeiros pontuais aprovados para gestão anual do Programa Sala do Artista Popular SAP/CNFCP. São produções impressas ligadas a gestão pública com metas quantitativas de divulgação e fomento do patrimônio cultural mas com limites financeiros executivos.

Os impressos das exposições do SAP em circulação se esgotam rapidamente, mas há um diferencial promovido para permanência na circulação de alguns catálogos antigos,⁴ pois alguns exemplares são disponibilizados para venda no Ponto de Comercialização da SAP, adquiridos pelo valor simbólico de três reais (R\$ 3,00). Os números disponibilizados são aleatórios e o quantitativo é muito limitado, alguns só possuem uma unidade além do que está no mostruário. É uma tentativa de torná-lo menos efêmero mas não se sustenta, sem re-edição programada se tornam peça de acervo bibliográfico.

Na coleção gráfica da Sala do Artista Popular a conclusão destacada é o reconhecimento do investimento institucional com a criação e produção gráfica, onde sempre é mantida a contratação de design ou de equipe de designers junto à equipe técnica da instituição, garantindo ritmo, permanência e coerência nos propósitos gráficos. Um segundo ponto é relativo a memória dos impressos produzidos para exposição garantido pela responsabilidade frequente com as capturas digitais para conservação dos impressos tanto no meio físico quanto digital. Notamos que a coleção completa está disponível no banco de dados da SAP no site do CNFCP via tecnologia Docpro⁵ assim como está indexada, organizada e acessível à pesquisa na biblioteca da instituição, podendo ser manuseada e vista no seu aspecto gráfico original.

O setor de Preservação do CNFCP apresenta um sistema mais frequente de organização da memória gráfica devido a periodicidade e continuidade do mesmo projeto por décadas a fio, que facilita a prioridade e os recursos para a memória consolidada do evento.

Na amostragem de impressos da coleção selecionada do Museu do Índio, apenas os catálogos estão na biblioteca e não estão relacionados com outras peças gráficas. Convites, folders ou outros avulsos produzidos para os eventos ainda se encontram nos arquivos correntes (internos), guardados, por exemplo, nos setores de Comunicação e de Divulgação Científica e não estão incorporados nos arquivos de pesquisa. Os arquivos de impressão estão no banco de dados internos, com acesso restrito, em subpastas chamadas de Dossiê-Exposição e não estão disponíveis ainda para pesquisa da memória gráfica do evento. Recorremos aos arquivos de impressão dos projetistas para visualização comparativa das peças gráficas selecionadas.

Respectivo aos quatro eventos selecionados do Programa “Índio no Museu” afirma-se que o banco de dados de pesquisa não incorporam os impressos efêmeros ligados a exposição, pois estes foram produzidos e desenhados recentemente, nos últimos 6 anos, e não entraram na prioridade do plano de digitalização nem na composição dos acervos digitais que serão

⁴ Visto em duas visitas a loja em janeiro de 2015.

⁵ A tecnologia Docpro é um serviço documentação certificada que utiliza maquinário de captura digital e software específico voltados para composição de arquivos digitais a serem disponibilizado ao público

disponibilizados ao público através do sítio eletrônico. Mas o Museu do Índio indica o investimento previsto para digitalização de todos periódicos, mais de 15 mil, de seu arquivo e na captura digital de mais de 13 mil objetos das coleções etnográficas e defende a necessidade de incorporação dessas avulsos impressos que são a memória dos eventos expositivos.

Não ficou evidenciado o plano sistemático para a guarda do acervo de impressos avulsos relativos a memória gráfica das peças impressas para as exposições ocorridas no projeto “Índio no Museu”, mas salientou-se que a disponibilidade do acervo dos impressos efêmeros em meio digital faz parte do projeto de Linha do Tempo das Exposições que entrará no novo portal do museu em breve, possivelmente ainda no ano de 2015.

Destacamos por outro lado no “Índio no Museu” uma prioridade da assessoria de comunicação do Museu do Índio na apresentação pública da coleção fotográfica produzidas para as exposições que são divulgadas e permanecem disponibilizadas nas galerias de imagens e de vídeos das redes sociais, acessados com os sistemas abertos de consulta: *Flickr* e *Youtube*. A galeria virtual contribuiu para o mapeamento iconográfico e para visualização dos eventos passados, criando uma associação direta desta coleção imagética com a produção gráfica selecionada. O ideal, ressalta-se aqui, seria que a memória impressa estivesse no mesmo portfólio digital ou banco de pesquisa junto a galeria das fotos ou que os impressos estivessem ligados (“linkados”) às galerias fotográficas.

Na categoria de memória fotográfica, os eventos da Sala do Artista Popular através de buscas em galerias audio visuais são pouco expressivos, nos apresentando poucas opções de reviver os ambientes através de fotografias via acesso remoto, cibernético ou internáutico, a maioria das exposições descritas não são ilustradas com fotos no banco de pesquisa do sítio eletrônico.

Uma curiosidade final e comparativa entre as duas coleções que vale salientar é: nos catálogos da Sala do Artista Popular não são incorporadas as fotos da exposição, ele é produzido em paralelo à montagem, não absorvendo os registros dos ambientes expositivos. É distribuído já na inauguração e depois vendido, simbolicamente, nos pontos de comercialização dos artesanatos. Já os catálogos do “Índio no Museu” incorporam potencialmente as fotos dos ambientes das exposições destacando-os como abertura capitular e fio condutor da narrativa etnográfica distribuído no editorial, assim os catálogos só são produzidos depois da abertura da mostra expositiva. A montagem espacial e o design do ambiente ganham valor referencial ilustrando a peça e contribuem para valorizar ainda mais a memória da exposição com a ambiência em retratos impressos, inclusive com cenas de bastidores das montagens que são feitas com equipe de pesquisadores e artistas indígenas envolvidos nos projetos das exposição.

Atualmente, a dinâmica de incorporar fotos do evento no catálogo é adotada por várias instituições que produzem editoriais e livros de exposições, agregando fotografias da montagem com seus recursos de iluminação e aparatos tecnológicos dentro do próprio editorial impresso, resgatando a aura do próprio evento, que se mantém atrelado graficamente no seu tempo-espaço, provavelmente, com o intuito de unificar e potencializar os recursos do “lugar da memória” da exposição.

6 Conclusão para campo do design de exposição e sua memória gráfica

Eventos expositivos e seus impressos são um meio eficiente de desenvolvimento e prática do design. Provocam transformações conforme seu grau de abrangência, movimentam opiniões, geram discursos entre os designers e tentam sinalizar para instituições que trabalham com a divulgação científica e produção de informação sobre a aplicabilidade do projeto gráfico e expográfico no seu produto.

A produção de ambientes e a coleção de impressos vinculados a um único evento expositivo podem ser bem ampla gerando ambiências, vivências, sinais, marcas, convites, porta-textos em diversos suportes (legendas, mapas, painéis), livretos, catálogos, conteúdos virtuais e veículos interativos.

Espaços etnográficos como a Sala do Artista Popular no Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular e o Espaço Museu das Aldeias no Museu do Índio, que produzem exposições para o grande público, recorrem a designers na elaboração da informação e na proposta da experiência que uma exposição se propõe a oferecer. Representam casos significativos para análise e atuação dos designers e para o valor das peças gráficas geradas para memória gráfica constituída principalmente em relação a produção cultural que a exposição pode envolver alcançando diversos públicos consumidores da informação visual e impressa.

A pesquisa nos leva a destacar que o projeto gráfico incorporado no design de exposição é fundamental para relacionar memória, história e cultura nas produções impressas e visuais dos produtos expositivos, contribuindo na identidade e memória cultural brasileiras. São elementos projetuais de destaque quando interrelacionado com as equipes para a divulgação da etnografia e dos saberes e fazeres da sociedade.

Sinalizamos, por fim, elementos significativos para um aprofundamento para os estudos relativos ao design no campo de exposições contemporâneas com foco na memória gráfica brasileira combinados à memória social, especificamente nos eventos produzidos nas últimas duas décadas, sob o impulso de movimentos artísticos e tecnológicos, decorrentes da passagem da sociedade de um século ao outro.

Referências

- ABREU, R. M. R. M. .2002 Perspectivas e cruzamentos entre literatura, ciência e projeto nacional: algumas (e singelas) indagações . In: Lucia Ferreira; Evelyn Orrico. (Org.). *Linguagem, Identidade e Memória Social - novas fronteiras, novas articulações*. 1ed. Rio de Janeiro: xx, 2002, v. 1, p. 1-10.
- FARIAS, Priscila L. 2014. On graphic memory as a strategy for design history. In: BARBOSA, Helena & Calvera, Anna (Eds.) *Tradition, transition, trajectories: major or minor influences? [=Proceedings of the 9th International Committee for Design History and Design Studies]*. Aveiro: UA Editora.
- GONÇALVES, José Reginaldo. Autenticidade, memórias e ideologias nacionais: o problema dos patrimônios culturais. *Estudos históricos*, Rio de Janeiro, v.1, n.2, 1988, p.264-275.
- HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Vértice, 1990.
- LIMA, Edna Lucia Cunha - *Memória Gráfica Brasileira: MGB - Pq2 CNPq*, Doutora em Design ; Pesquisadora em Memória Gráfica Brasileira.
- NORA, Pierre. Entre memória e história. A problemática dos lugares. In: *Projeto História*, n.10. *Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História do Departamento de História*. São Paulo, 1993.
- POLLACK, Michael. Memória e identidade social. *Estudos históricos*, Rio de Janeiro, v.5, n.10, 1992, p.200-212.
- SOUZA, Pedro Luiz Pereira. *Notas para uma história do design*. Rio de Janeiro: Editora 2AB, 2001.

TWYMAN, Michael ,The Long-Term Significance of Printed Ephemera;- RBM: A Journal of Rare Books, Manuscripts and Cultural Heritage;2008 –<http://rbm.acrl.org/content/9/1/19.short>

Outras fontes

Galleria de Images do Museu do Índio : <https://www.flickr.com/photos/museudoindio2>

Acervo digital do Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular Disponível em
<http://docvirt.com/docreader.net/docreader.aspx?bib=SAP&pasta=&pesq> Disponível em:
http://www.cnfcp.gov.br/interna.php?ID_Secao=124

Entrevistas: Jose Carlos Levinho, diretor do Museu do Índio/ Cláudia Márcia, diretora do Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular

Sobre as autoras

Simone Melo, ESDI-UERJ, Brasil <simonemelo.lux@gmail.com>

Edna Cunha Lima, PUC-Rio, Brasil <ednacunhalima@gmail.com>